

Eu, mulher-negra e a psicanálise brasileira: inquietações

Naiara Santos e Silva¹

RESUMO Este artigo tem como objetivo fomentar a reflexão sobre as relações raciais e a clínica psicanalítica no Brasil, bem como desenvolver a discussão tomando as contribuições de intelectuais negros como elemento central. Considera-se a importância de mulheres negras que iniciaram as primeiras pesquisas sobre a experiência racial pelo viés psicanalítico no Brasil, evidenciando ainda as narrativas daquelas que, na atualidade, contribuem para a construção do pensamento clínico crítico que não negligencia as especificidades do racismo e seus efeitos nas relações; que colaboraram para a construção da psicanálise no Brasil e outras que fizeram da psicanálise uma interlocutora para pensar racialidade e racismo. Uma escrita que ecoa vozes, mas que pretende também levantar as inquietações que emergem no percurso de estudos e da atuação clínica, enquanto corpo negro-mulher.

PALAVRAS-CHAVE Mulher negra; psicanálise; clínica; racismo.

Introdução

O racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira.

(Lélia Gonzalez, 1984/2020)

Encontram-se presentes, em nossa estrutura social, os resquícios das práticas coloniais, passados pouco mais de 130 anos desde a dita abolição da escravidão

1. Psicóloga graduada pela Faculdade Machado Sobrinho. Formação em Psicologia e Relações Raciais (Instituto Amma Psique e Ngeritude). Analista em formação (Ionene/Col. Dijeje). Especializanda em Relações de Gênero e Sexualidade (Universidade Federal de Juiz de Fora).

em 1888. Reatualizadas e nem sempre implícitas, tais práticas demonstram as marcas do racismo em todos os setores da sociedade brasileira.

Gonzalez (1984/2020) afirma que “nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação” (p. 77). A partir deste apontamento, pensemos a respeito do apagamento das contribuições teóricas de psicanalistas negras no Brasil e da ausência de discussão sobre nossa História nos espaços de formação. Sendo o Brasil um país de população majoritariamente negra e parda somados, o que poderia explicar tal silêncio? Pessoas negras não contribuíram para a construção da psicanálise no país? Pessoas negras não buscam por escuta psicanalítica? Onde se localiza o corpo negro na psicanálise do Brasil?

Todas as perguntas anteriores são inquietações que cresceram na medida em que eu fui sendo apresentada aos trabalhos e contribuições de intelectuais como Neusa Santos Souza e Virgínia Bicudo, que vieram até o meu conhecimento pelas mãos de mulheres negras organizadas coletivamente e do grupo de estudos “Consciência e realidade: igualdade racial em pauta”, localizados na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, onde me situo. Produções de saberes que me foram apresentados em um lugar outro, fora e à parte dos espaços de psicologia ou psicanálise.

Não tenho, no decorrer deste texto, a pretensão de propor a discussão apontando respostas fechadas, mas sim de dialogar com algumas produções científicas e literárias de intelectuais negros, os quais considero fundamentais para os estudos das subjetividades, racialidade e efeitos produzidos pela violência colonial e racismo.

O racismo é também um processo de constituição de subjetividades, “mais do que a consciência, o racismo como ideologia molda o inconsciente [...] constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, indústria cultural e pelo sistema educacional”, como ressalta Almeida (2018, p. 51). Nessa construção de imaginário, a figura do corpo negro feminino é marcada por estereótipos, sendo historicamente inserida em um lugar de servidão, posteriormente se desdobrando no que temos hoje como serviços domésticos, função ocupada majoritariamente por mulheres negras no Brasil. Esses lugares marcados são apresentados por Gonzalez (1984/2020), destacando que na sociedade brasileira ocorre “o engendramento da mulata e da doméstica, a partir da figura da mucama” (p.82). No Carnaval há a exaltação da mulata e do lado oposto da exaltação, no cotidiano, tem-se a figura da doméstica, “a mucama

permitida, a da prestação de bens e serviços, que carrega sua família e a dos outros nas costas” (p.82).

Tais representações no imaginário social a respeito das mulheres negras colaboram para a expressão do racismo, mesmo quando esses corpos que desviam estão presentes em contextos naturalizados como lugar comum de corpos brancos, uma vez que o espaço do pensamento, da construção de narrativa e da intelectualidade científica não foi algo projetado para a ocupação de um corpo negro – e aqui vou me ater ao corpo negro-mulher.

Contribuições científicas relevantes foram produzidas por mulheres negras no campo psi, sendo, algumas destas, referências para se pensar e compreender a condição do negro no Brasil, assim como os processos psíquicos atravessados pelo racismo e as consequências deste para a saúde mental da população negra.

“Não sou eu do campo psi? Sou. Não me enxergando em sua imagem”: esta afirmação de Prestes (2020, p. 54) me fez refletir acerca da imagem desse campo e da minha trajetória de estudos e atuação clínica até o presente momento.

Como anteriormente referido, mulheres negras de outros campos de atuação tiveram papel fundamental para que eu pudesse localizar referenciais epistemológicos que abordassem as questões raciais no Brasil e fora dele. O Coletivo Cabeça de Nêga, idealizado pela historiadora e pesquisadora Giovana Castro, composto pela multiplicidade dos pensamentos de outras mulheres negras – Ana Cláudia Gonçalves, Denise Nascimento, Jussara Alves, Jéssica Martins e eu, que escrevo esse texto –, nos últimos anos tem sido fonte de inspiração, interdisciplinaridade e prática da potência de troca intelectual e afetiva entre mulheres negras. Um encontro que trouxe outros contornos para meu modo de pensar e atuar na clínica. Assim, mesmo não me enxergando na imagem dominante do campo psi, ao me aproximar das margens – conceito que será desenvolvimento a seguir – e dos espaços onde havia outras possibilidades de pensar o campo, foi sendo possível tecer outras maneiras de olhar, questionar e buscar construir uma prática que se aproximasse da realidade em que me localizo e que se apresenta no cotidiano da prática clínica.

Desenvolvimento

Falar desde as margens. Falar como resistência.

(hooks, 2019)

A margem, na concepção de hooks² (2019, p. 290), “é o espaço onde se pode dizer não ao colonizador”, a autora parte da “distinção definida entre a marginalidade que é imposta e a marginalidade pela qual se opta como lugar de abertura e possibilidades radicais”. É nessa proposta de abertura que é possível avançar para além do que está posto enquanto universal. hooks é uma intelectual negra que dialoga com a psicanálise em algumas de suas obras, sendo um de seus apontamentos que:

Não precisamos que alguém simplesmente pegue os textos críticos brancos da psicanálise e os transponha superficialmente para a vida das pessoas negras. Precisamos é de um tipo de explicação sofisticada sobre esses materiais que nos permita extrair deles o que nos for útil. (hooks, 2019, p. 422)

Nesse sentido, temos em solo brasileiro contribuições como as de Silva (2018), afirmando que “a clínica psicanalítica não deve negligenciar que o racismo está na base do desenvolvimento do sistema capitalista moderno [...] beneficiando material e simbolicamente os grupos nomeados como brancos” (p. 80). Isto implica contrastes de realidades e de modos de ver, pensar e se relacionar que não estão alheios às relações estabelecidas entre analistas e analisandos. A racialidade está marcada nos consultórios e atendimentos on-line. Quem chega? Como? Qual a cor, forma, histórias e Histórias esses corpos possuem?

A respeito da experiência do corpo negro no Brasil, Nogueira (2018) ressalta que “o negro não era persona, na condição de escravo, não era pessoa; seu estatuto era o de objeto, não o de sujeito, assim, o negro foi alijado do corpo social, única via possível para se tornar um indivíduo” (p. 03). Os aspectos evidenciados pela autora demonstram que a experiência racial no Brasil é um buraco de profundo impacto nos campos político, histórico, cultural, simbólico e psíquico. Há 133 anos, pessoas negras não eram reconhecidas como humanas – o que ainda se reproduz na atualidade.

A justificativa do apagamento da discussão racial em psicanálise, com a alegação de que o inconsciente não tem cor, desconsidera o racismo como componente da nossa estrutura sociocultural e elemento presente nas relações. Tal pensamento contribui para a sustentação de lógicas dominantes, pois, como

2. Gloria Jean Watkins, intelectual negra estadunidense, adotou o nome bell hooks pelo qual é conhecida em homenagem à bisavó. Seus principais estudos estão dirigidos à discussão sobre de gênero, raça e classe.

afirma Nogueira (2018, p. 126) em um outro texto (?), “as estruturas de poder e dominação não são alheias às psicanálises praticadas nos consultórios”.

Tornar-se analista negra no Brasil com consciência das relações raciais é uma experiência que possui também o desafio de romper com a ideia de universalidade do mundo branco onde circulamos em nossas formações, e sair das bolhas e ultrapassar os limites epistemológicos. Tornar-se analista é secundário, é preciso, antes disso, “tornar-se negra”, parafraseando a psicanalista Neusa Santos Souza em obra homônima, na qual se destaca que:

O negro que elege o branco como o Ideal do Ego engendra em si mesmo uma ferida narcísica, grave e dilacerante, que, como condição de cura, demanda ao negro a construção de um outro Ideal de Ego. Um novo Ideal de Ego que lhe configure um rosto próprio [...] que tenha como referência e perspectiva a História. (Souza, 1983, p. 43-44)

O apagamento dos estudos sobre racialidade no Brasil no campo psi faz com que este seja um espaço em que pessoas negras, ao mesmo tempo em que adquirem conhecimento, podem vir a alienar-se da própria experiência de negritude, uma vez que este conhecimento foi construído a partir de observações que não levam em conta a experiência racial, tomando a experiência branca como condição universal do que é ser humano.

Entendo como fundamental, na medida em que me coloco neste campo, colaborar com a continuidade do pensamento de mulheres negras que ousaram existir em espaços não projetados para seus corpos, bem como compreender os efeitos que a sociedade em que viviam trazia para seus pares. Como exemplo histórico, temos Virgínia Bicudo, primeira mulher, negra e não médica a ser reconhecida como psicanalista no país, sendo também de sua autoria a primeira dissertação de mestrado sobre a questão racial no Brasil, abrindo o caminho científico e elucidando o abismo social e racial, em uma época em que se fortalecia o mito da democracia racial.

Do silêncio ao simbólico

Ainda que a palavra racismo não seja dita nos consultórios em momento algum, os aspectos que compõem a experiência racial estão presentes. Em um país com população preta, parda, indígena e amarela, quando se tem uma clínica em que se atendem somente pessoas brancas, isso é simbólico. Quando pessoas brancas não se compreendem como racializadas; quando “não enxerga-se a cor, somente

as pessoas”; quando pessoas começam a compreender suas experiências raciais e escolhem analistas do mesmo grupo racial; quando analisandos deixam de dizer sobre suas vivências atravessadas pelo racismo por receio de não serem compreendidos e terem de se explicar ao analista; quando o analista cala relatos de racismo, se constrange ou sente desconforto com o discurso; quando o analista tem em sua história vivências atravessadas pelo racismo e escuta cotidianamente outras experiências cercadas pelo mesmo elemento, tudo isso é simbólico.

Como simbólico, refiro-me aos elementos do racismo que operam no cotidiano da clínica para além do que está verbalizado e externalizado. Como exemplo do “não enxerga-se a cor, somente as pessoas”, é também não estar consciente das diferenças, das especificidades que emergem a partir de um fator racial que cria abismos sociais, reduz ou elimina oportunidades, impossibilita a garantia de direitos e condições de subsistência, produz prejuízos acerca da imagem que o sujeito pode ter de si mesmo, desenvolve sofrimento e, potencialmente, adoecimento psíquico. Detalhes simbólicos do cotidiano das relações raciais na clínica podem causar comprometimento no manejo clínico e reatualizar, no espaço de cuidado, novas cenas de violência.

O racismo está para além da palavra verbalizada, de manifestações físicas de violências, do discurso depreciativo ou do seu reconhecimento; ele está presente na forma como aprendemos a enxergar e interpretar o mundo ao nosso redor; logo, nossos inconscientes não escapam de sua apreensão e assimilação quando se vive em um país racista, que opera científica, jurídica e psicologicamente para perpetuar a negação da realidade social. O fator psicológico diz bastante a respeito do quanto não é interessante para a estrutura dominante que se discuta racismo e seus impactos psíquicos no campo psi. Há interesses de poder para que esse debate não avance.

Segundo Gonçalves Filho (2017) citado por Sales (2019, p. 171), “no curso de um processo analítico, o relato da experiência do racismo será sempre singular, podendo se tornar decisiva na transferência e na elaboração da angústia”. Nesse sentido, é importante ressaltar que a compreensão histórica e coletiva do racismo brasileiro não anula ou sobrepõe as particularidades das experiências individuais.

Descolonizar os saberes para descolonizar as práticas

Na medida em que a psicanálise surge em território europeu, ela tem, em sua base epistemológica, as perspectivas do pensamento eurocêntrico. No entanto, o que fazemos com ela quando cruza o Atlântico e chega em solo brasileiro?

Prestes (2020), ao elucidar os apagamentos epistemológicos no campo psi, questiona: “Por que adotamos o critério de nomear algumas figuras como pais ou fundadores de determinado fenômeno complexo, ao invés de reconhecermos raízes múltiplas? Quais os critérios para se definir que determinado personagem é o autor de determinado processo?” (p. 60). Tal citação me leva a refletir sobre as resistências encontradas no meio psicanalítico em relação a outras produções de saberes, principalmente as que colocam novas perspectivas em pauta, que não foram consideradas nas produções hegemônicas.

A respeito dos processos de descolonização, gostaria de brevemente apresentar algumas contribuições, a começar por um diálogo entre Frantz Fanon e Grada Kilomba – ambos, em diferentes tempos históricos, construindo saberes a partir do olhar voltado para as experiências de corpos negros em território europeu. A obra *Pele negra, máscaras brancas*, produzida por Fanon (1952/2020), teve papel essencial para a compreensão racializada de processos psíquicos e aparece referenciada em algumas das produções teóricas citadas ao longo deste artigo, assim como da própria Kilomba.

De acordo com Fanon (1952/2020, p. 157), “as escolas psicanalíticas estudaram as reações neuróticas que se originaram em determinados ambientes, em determinados setores da civilização”. Mediante a isto, o psiquiatra interroga em que medida as conclusões alcançadas por Freud podem ser empregadas quando consideramos a “visão de mundo do homem de cor” e, indo além, afirma que “nem Freud, nem Adler, nem mesmo o cósmico Jung contemplaram os negros no decorrer de suas pesquisas”. Acerca da condição do negro, Fanon afirma que:

O problema negro não se desfaz no problema dos negros vivendo entre os brancos, mas sim no problema dos negros sendo explorados, escravizados, desprezados por uma sociedade capitalista, colonialista, acidentalmente branca. (Fanon, 1952/2020, p. 212)

A presença minoritária de pessoas não brancas no campo psi do Brasil me leva a refletir sobre os processos de naturalização do racismo, da ausência dos corpos às ausências nas ementas e seminários de discussão. Considero essa ausência um considerável prejuízo, que contribui para que profissionais cheguem ao mercado de trabalho e à atuação prática sem preparo prévio ou introdutório que nele estimule a construção de um pensamento crítico a respeito da realidade em que se encontra inserido.

No percurso de formação que venho construindo, foi nos espaços em que o racismo não é naturalizado ou negligenciado que encontrei aberturas para fortalecer minha prática clínica e ter um olhar atento aos aspectos das relações raciais. Nesse sentido, o Instituto Amma Psique e Negritude, localizado na cidade de São Paulo, bem como o Ionene: Estudos sobre Psicanálise, Raça e Gênero, do Coletivo Di Jeje (SP), ambos com pesquisadores e profissionais que se debruçam sobre a temática racial e colaboram para a formação do pensamento crítico, têm sido espaços de aprendizagem teórica, técnica e partilha que acontece no encontro entre pares.

A respeito desta experiência descrita, destaco o que Kilomba (2019) aponta como os mecanismos de defesa do ego que o sujeito negro atravessa para conscientizar-se de sua negritude, mais especificamente os dois últimos dos cinco mecanismos descritos pela autora: a identificação, em que “o sujeito negro inicia uma série de identificações consecutivas com outras pessoas negras em termos de histórias, biografias, experiências, conhecimentos etc.” (p. 237) e a descolonização, “isto é, internamente, não se existe mais como a/o Outra/o, mas como o eu” (p. 238). Kilomba (2019) elucida a importância de que pessoas negras possam narrar e ter autoridade a respeito da própria realidade, tornado-se, assim, sujeitos.

Considerações finais

Virgínia Bicudo foi, não somente, a primeira pessoa não médica a ser reconhecida como psicanalista no Brasil, como também a primeira mulher a fazer análise na América Latina, sendo ainda figura importante na popularização da psicanálise no Brasil. Se fosse Virgínia Bicudo uma pessoa branca, teria sua relevância sido tão desrespeitosamente negligenciada?

Se, em 2021, é necessário debater a importância da discussão racial no meio psicanalítico brasileiro, reviro-me ao tentar imaginar o que não teria sido estar nesses espaços entre as décadas de 1940, época de Virgínia Bicudo, e, posteriormente, na década de 1980, na figura de Neusa Santos e de outras mulheres negras que se propuseram a estar ativas no fazer psicanalítico. É a partir desses passos que considero a importância da atuação das mulheres negras no meio psicanalítico e que se construam cada vez mais outros e novos caminhos para que não haja abismos de décadas entre nossas vozes ativas.

Lélia Gonzalez (1984/2020) descreve que “assumimos o risco do ato de falar com todas as implicações, exatamente porque temos sido falados, infan-

tilizados” (p. 77-78) – e eu incluo, aqui, apagados – ao questionar a lógica de dominação e tentativa de domesticação do negro no Brasil. Para a autora, nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira pelas determinações da lógica dominante e, nesse sentido, precisamos assumir nossa própria fala, como ela afirma: “o lixo vai falar, e numa boa” (p. 78).

Este artigo foi escrito com a intenção de utilizar, majoritariamente, um referencial teórico de intelectuais negros, pois, nessa construção, aquilo que a lógica dominante descarta é o que eu referencio como epistemologias principais, que constituem e contornam meus pensamentos, reflexões e fazeres, no intuito de pensar o corpo negro na clínica, não somente como aquele que narra sua história, mas também como escutador de vivências e produtor de material teórico e conhecimento.

Encerro ecoando as vozes que me antecedem, bem como imprimindo minha própria voz enquanto mulher negra, primeira entre gerações seguidas de trabalhadoras domésticas a romper com as linhas que o racismo pré-determina aos corpos negros-mulheres. Encerro o texto, mas não fecho a discussão... É nas aberturas radicais que pretendo seguir na construção de uma clínica ético-política e racializada.

Me, black woman and Brazilian psychoanalysis: concerns

ABSTRACT *This article aims to promote reflection on race relations and psychoanalytic clinic in Brazil, as well as to develop the discussion taking the contributions of black intellectuals as a central element. Considering the importance of black women who initiated the first research on racial experience from a psychoanalytic perspective in Brazil, it also highlights the narratives of black women that currently contribute to the construction of critical clinical thinking that does not neglect the specifics of racism and its effects on relations. Black women who contributed to the construction of psychoanalysis in Brazil and others who made psychoanalysis an interlocutor to think about raciality and racism. A writing that echoes voices but also intends to raise concerns that emerge in the course of studies and clinical practice, as a black woman body.*

KEYWORDS *Black woman; psychoanalysis; clinic; racism.*

Yo, la mujer negra y el psicoanálisis brasileño: preocupaciones

RESUMEN *Este artículo tiene como objetivo promover la reflexión sobre las relaciones raciales y la clínica psicoanalítica en Brasil, así como desarrollar la discusión tomando como elemento central los aportes de los intelectuales negros. Considerando la importancia de las mujeres negras que iniciaron la primera investigación sobre la experiencia racial desde una perspectiva*

psicoanalítica en Brasil, también destaca las narrativas de las mujeres negras que actualmente contribuyen a la construcción de un pensamiento clínico crítico que no descuide las especificidades del racismo y sus efectos. sobre las relaciones. Mujeres negras que contribuyeron a la construcción del psicoanálisis en Brasil y otras que hicieron del psicoanálisis un interlocutor para pensar en la racialidad y el racismo. Un escrito que hace eco de voces pero que también pretende plantear inquietudes que surgen en el transcurso de los estudios y la práctica clínica, como un cuerpo negro - mujer.

PALABRAS CLAVE *Mujer negra; psicoanálisis; clínica; racismo.*

Referências

- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu. (Original publicado em 1952).
- Gonzalez, L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: F. Rios & M. Lima (Orgs.), *Por um feminismo afro-latino americano: Lélia Gonzalez* (pp. 75-93). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1984).
- hooks, b. (2019). *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Nogueira, I. B. (s.d.). *O corpo da mulher negra*. Recuperado de <http://www.ammapsique.org.br/baixa/o-corpo-da-mulher-negra.pdf>
- Nogueira, I. B. (2017). Cor e inconsciente. In: C. Abud, N. M. Kon & M. L. Silva (Orgs.), *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- Prestes, C. R. S. (2020). Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras. *Revista da Associa o Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 12(ed. especial): 52-77.
- Sales, J. (2019). *Racismo no Brasil: um olhar psicanalítico*. Rio de Janeiro: Autografia.
- Silva, M.L. (2017). *Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros*. In: C. Abud, N. M. Kon & M. L. Silva (Orgs.), *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal.

Recebido: 01/07/2021

Aceito: 09/09/2021

Naira Santos e Silva

Rua Américo Lobo, 2332/202 - Bairu

Juiz de Fora - MG - CEP: 36050-000

(32) 98872-7461

naiarasantos91@gmail.com